

No último dia 2, Claude Lévi-Strauss e sua mulher, Monique, atravessaram pelo rio Sena o centro de Paris, da torre Eiffel ao Hôtel de Ville, numa piroga dos índios Haida, originários da costa oeste do Canadá. A cena foi das mais insólitas. Não é todo dia que se vê o eminente antropólogo, 80, um dos fundadores do que se acabou chamando de estruturalismo, mas principalmente o criador de um dos pensamentos mais importantes e renovadores deste século, atravessar a cidade numa canoa e acompanhado de índios que remam a seu lado. Ao chegar ao Hôtel de Ville, onde está a prefeitura, Lévi-Strauss (pronuncia-se "Lévi-ströss") coroou a singularidade da situação com uma "boutade". O prefeito Jacques Chirac, ao recebê-lo, perguntou: "O senhor veio de carro?" E ele retrucou, impassível: "Não, de piroga".

A semana começava bem. Na sexta-feira, o reservado Lévi-Strauss aceitava acompanhar os índios Haida a um dos programas mais mundanos, divertidos e inteligentes da televisão francesa (o que, como se sabe, não quer dizer muita coisa): o vespertino "Du Côté de Chez Fred", apresentado pelo sobrinho do presidente, Frédéric Mitterrand. Tudo isso por um único motivo. Na terça-feira seguinte, dia 10, seria inaugurada no Museu do Homem a exposição "Les Amériques", em homenagem ao antropólogo e reunindo alguns dos principais objetos recolhidos por ele durante suas expedições ao Brasil central e à costa oeste do Canadá, além de peças do Museu de Antropologia da Universidade de Vancouver.

Os Haida foram à França especialmente para a ocasião. Subiram o Sena, de Rouen a Paris, na piroga Lootas (a devoradora de ondas) e dançaram com o antropólogo durante a inauguração da exposição. Para alguém com a fama de frio que tem Lévi-Strauss, não deve ter sido brincadeira. Basta dizer que um dia antes de ser aberta "Les Amériques", Didier Eribon, jornalista do "Nouvel Observateur" e co-autor com o antropólogo de um livro de entrevistas ("De Près et de Loin", éd. Odile Jacob, 1988), lhe perguntou o que evocavam todas aquelas peças reunidas ao longo de sua vida e agora expostas no Museu do Homem. "Nada", respondeu Lévi-Strauss. E, ante a insistência do jornalista: "Bom, diga que evocam um pouco de nostalgia".

# LÉVI-STRAUSS

homenageado na França, o mestre revolucionário da antropologia fala com exclusividade à folha

BERNARDO CARVALHO



Matthieu Lévi-Strauss

Lévi-Strauss em sua casa de campo, perto de Lignerolles, na Borgonha (leste da França), e Didier Eribon, co-autor com o antropólogo do livro de entrevistas "De Près et de Loin", publicado no final do ano passado

Bruxelas, de uma família judia francesa. Seu pai, que era pintor, estava de passagem pela Bélgica. Logo voltariam para a França, onde Lévi-Strauss passaria a infância e se iniciaria na filosofia. A antropologia surgiu bem mais tarde, quando, em 1935, ainda professor de filosofia, foi enviado a São Paulo, pela Missão Francesa, para dar aulas de sociologia na Universidade criada um ano antes. Data dessa viagem sua primeira expedição junto aos índios Caduveo e Bororo, no Mato Grosso. Com o material recolhido faria uma exposição, em 1936, no Museu do Homem, em Paris. No mesmo ano, volta ao Brasil para uma nova expedição junto aos Nhamiquara. É dessa expedição que tira o material para seu primeiro livro, "A Vida Familiar e Social dos Índios Nhamiquara", escrito originalmente em inglês, nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra. Em 1939, deixa o Brasil definitivamente, voltando apenas em 1985, de passagem, na comitiva de François Mitterrand. Sua experiência brasileira é narrada no clássico "Tristes Trópicos", publicado em 1955 e recebido euforicamente pela intelectualidade francesa.

Em 1941, para escapar da guerra, vai para Nova York, onde se torna professor da New School for Social Research. Aprofunda seus conhecimentos de etnólogo, descobre a linguística de Jakobson e começa a escrever, em 43, "As Estruturas Elementares do Parentesco", obra fundamental da antropologia estrutural. Frequenta os surrealistas Breton e Max Ernst, com quem divide o fascínio pelos objetos das sociedades ditas primitivas.

Assim que acaba a guerra, volta para a França. Em 59, entra para o Collège de France. De 64 a 71, escreve um verdadeiro monumento da etnologia, em quatro volumes, uma revolução no estudo dos mitos: "Mythologiques". Seu próximo livro, ainda sem título, será um arremate dos quatro anteriores.

No último dia 9, Yom Kippur (o Dia do Perdão para os judeus), Lévi-Strauss concedeu uma entrevista exclusiva à **Folha** em seu apartamento parisiense. Hoje, mais de 50 anos depois de ter constatado o estado de sociedades indígenas em vias de extinção em suas expedições pelo Brasil central, o antropólogo e membro da Academia Francesa (desde 73) se preocupa sobretudo com o destino de sua própria cultura, "ameaçada por todo tipo de integrismo, pelo Islã, mas também pelo aumento demográfico do Terceiro Mundo".

Matthieu Lévi-Strauss



Lévi-Strauss lançará novo livro, que será um arremate de 'Mythologiques'

**Folha** - O senhor não começou antropólogo. Foi professor de filosofia antes e costuma dizer que a etnologia surgiu na sua carreira como uma forma de escapar à filosofia. Foi uma maneira de recusar todo idealismo, toda metafísica?

**Claude Lévi-Strauss** - Poderia fazer grandes teorias sobre isso, mas não seria honesto. Na realidade, começava a me chatear como professor de filosofia e tinha vontade de conhecer o mundo. Nessa época [anos 30], na conjuntura francesa, a passagem era natural da filosofia à etnologia, porque havia a velha tradição durkheimiana, Mauss e se constituía o Museu do Homem. O Instituto de Etnologia acabava de ser fundado e então se recrutava junto aos filósofos. Escorreguei da filosofia à etnologia menos por razões filosóficas que pelo fato de ter sido a maneira mais simples de trocar de profissão e de fazer viagens distantes.

**Folha** - E, no entanto, o senhor não gosta de viajar...

**Lévi-Strauss** - Isso era um pouco uma provocação [referência à introdução de "Tristes Trópicos"]. Mas acrescento que gosto cada vez menos de viajar. A maneira como se viaja hoje é abominável. Mesmo assim, viajei muito nos últimos dez anos.

**Folha** - Parece que o senhor está reestudando Montaigne...

**Lévi-Strauss** - Não é bem assim. Seria exagero dizer isso. Estou tentando escrever o que talvez seja meu último livro, em que se colocam alguns problemas que me levaram a reler e a refletir sobre certos capítulos dos "Ensaio" de

## O que hoje se chama

Montaigne, que dizem respeito à perspectiva bastante estreita da visão que a Europa e a França do século 16 tiveram da descoberta do Novo Mundo.

**Folha** - O senhor inclui aí o capítulo "Dos Canibais", em que Montaigne discorre sobre a impressão que lhe causou o encontro com índios brasileiros em Rouen, em 1562?

**Lévi-Strauss** - Não. Justamente não tem nada a ver com esse capítulo. Todo mundo sempre pensa nele ou no "Dos Cochés". Tive o sentimento de que num outro capítulo dos "Ensaio", intitulado "Apologia de Raimond Sebond", que ocupa 200 ou 300 páginas, a perspectiva era um pouco diferente. E é isso que, embora eu ainda não tenha esclarecido, me incitou a algumas reflexões.

**Folha** - E Rousseau? Há um artigo de Jacques Derrida em que ele faz um paralelo entre uma passagem de "Tristes Trópicos" onde o senhor define a escrita como uma forma de poder, de dominação, e a desconfiança de Rousseau pela escrita como forma de violência.

**Lévi-Strauss** - Não tiro nenhum grande princípio disso. Foi uma experiência curiosa que eu tive, pois os índios tinham organizado para mim um encontro com membros bastante afastados de seu próprio povo, que simplesmente não tinham tido nenhum contato com os brancos. Foi uma viagem bastante difícil. Eu estava no meio de uma tribo não muito numerosa, de 75 a 80 pessoas, o que para os nhambiquara, entretanto, era muito substancial. O clima não era bom e achei melhor não prolongar a estada. Insisti para que distribuíssemos os presentes que havia trazido e fiquei surpreso ao ver o cacique tirar de sua sacola uma de minhas folhas de papel e traçar algumas linhas sinuosas que em seguida fingiu ler. Evidentemente, era uma maneira de impressionar seus colegas que não tinham tido contato comigo e de lhes dar a impressão de que dominava certos poderes do

homem branco.

**Folha** - O senhor sempre faz o elogio da natureza ao falar dos produtos da cultura, atribuindo a estes últimos, comparativamente, um caráter bastante inferior. É o caso da arte moderna. No entanto, o senhor também faz o elogio da razão. Mas não seria a razão que, substituindo o pensamento mítico no mundo moderno, afasta cada vez mais o homem da natureza?

**Lévi-Strauss** - Sim e não. Não é uma questão simples. De um lado há o fato de que, durante toda a tradição judaico-cristã e mais ainda desde o nascimento da ciência moderna no século 17, o homem se considera mestre e senhor da natureza, considera que ela é sua, que pode fazer com ela o que bem entender. Essa atitude criou uma espécie de fosso entre a racionalidade e a ordem natural, que se tornou apenas um objeto, um instrumento, e não um interlocutor. Mas há também o fato de que, no seu desenvolvimento, o pensamento científico nos fez compreender muito mais do que compreendíamos pelo passado. Nesse sentido, ele nos aproximou da natureza. É um fenômeno de dois gumes. Mas não sou dos que desprezam e se afastam do pensamento científico. Tenho muito respeito por ele. Tento utilizá-lo não para submeter-lhe a natureza, mas para melhor compreendê-la.

**Folha** - Em todo caso, o senhor diz em "Le Regard Éloigné" (O Olhar Distanciado) que a ausência de mitologia coloca o homem fora da natureza. Não seria essa ausência de mitos que leva o homem a destruir a natureza?

**Lévi-Strauss** - Certamente. O que não impede que o pensamento científico possa

## de democracia cultural "é uma destruição"

lhe dar meios para se aproximar da natureza se ele tiver, antes de mais nada, esse zelo pelo entendimento com a ordem natural e lhe der prioridade em relação à sua vontade de dominação.

**Folha** - Mas essa prioridade do entendimento é uma característica do pensamento mítico...

**Lévi-Strauss** - É uma característica do pensamento mítico, mas não há dúvida de que o que fazem os biólogos nos ajuda em certo sentido a compreender a natureza. Vou dar um pequeno exemplo brasileiro. Existe, no Brasil, um pássaro chamado bunha ou cigana [Opisthocomuf hoazin]. Ele tem um papel muito importante na mitologia, um papel muito misterioso e obscuro. Li recentemente numa revista americana que acabaram de descobrir que os pássaros dessa espécie são, na verdade, ruminantes, o único exemplo de ruminantes entre todas as aves. O bunha come folhas e as deixa fermentando em seu estômago, de forma que se alimenta não do vegetal, como imaginamos, mas de bactérias que se desenvolvem e, portanto, de animais. Não vejo qual pode ser a relação entre o lugar particular que esse pássaro ocupa na mitologia e essa descoberta, mas o fato é que existe de um lado um lugar todo especial criado pelo pensamento mítico e, de outro, um lugar todo especial criado pela biologia moderna. É bastante excitante para o espírito e é isso o que nos leva a refletir sobre se é possível aproximar esses dois lugares e como.

**Folha** - Em "L'Homme Nu" (O Homem Nu) o senhor diz que o respeito pelas sociedades indígenas não nos deve fazer esquecer a superioridade do conhecimento científico. Isso significa que o relativismo cultural é apenas ético e que no plano

**Lévi-Strauss** - Não creio que se possa responder essa questão de maneira simples, com sim ou não. De fato, na história da humanidade aconteceu um fenômeno

## Método estruturalista destrói preconceitos

MÁRCIO GOLDMAN

O estruturalismo, no sentido de Claude Lévi-Strauss, consiste fundamentalmente em desenvolver em um sentido radical os princípios da antropologia social ou cultural, ciência que nasceu na segunda metade do século 19. Levando a sério a própria noção de **antropologia**, trata-se de encontrar, para além das diferenças aparentes entre sociedades e costumes, um substrato comum ao homem enquanto tal.

Projeto radical, contudo, já que evitando a noção de uma natureza humana substantiva, fixa e essencial, procura-se defini-la como um conjunto de **estruturas**, ou seja, operações lógicas que abrem todo o espaço para as diferenciações.

Investigando os sistemas de organização familiar ou os mitos das sociedades erroneamente chamadas de primitivas ou selvagens, Lévi-Strauss demonstrou a sofisticação e a engenhosidade que tanto a organização social quanto o pensamento dos indígenas pode atingir, efetuando assim uma profunda crítica dos preconceitos com relação a essas culturas, bem como de alguns mitos ocidentais, como o do progresso. Além disso, essa unidade humana que não exclui as diferenças permitiria pensar uma unidade mais profunda do homem com a natureza.

MÁRCIO GOLDMAN, 32, é professor de antropologia da Universidade Federal Fluminense.

do saber uma nova hierarquia é restabelecida?

importante, capital, que é o nascimento do pensamento científico e seu

desenvolvimento. Esse fato é um valor intrínseco, em si mesmo, que eu realmente coloco fora do relativismo cultural. Agora, se você olha as coisas um pouco mais do alto, e mesmo de bem alto, dirá que esse pensamento científico, que respeitamos e que nos apaixona em seus progressos passo a passo, que se efetua no decorrer de séculos, anos ou dias, é na realidade profundamente vão. Já que o que nos ensina é, ao mesmo tempo, a melhor compreender as coisas em seus detalhes e que não poderemos jamais compreender na totalidade, no conjunto. O pensamento científico, ao mesmo tempo que alimenta nossa reflexão e aumenta nossos conhecimentos, mostra a insignificância última desse conhecimento. Depende do seu ponto de vista e do nível em que você se situa para a observação. Num certo nível, que é o nosso, o do homem do século 20, do mundo ocidental, o pensamento científico é algo essencial, fundamental, e devemos utilizá-lo. Porém, se nos tornamos metafísicos, diremos que de fato ele é essencial, mas ao mesmo tempo é preciso saber que não serve para nada.

**Folha** - Merleau-Ponty disse num artigo intitulado "De Mauss a Lévi-Strauss" que "a neurose é um mito individual". O senhor está de acordo?

**Lévi-Strauss** - É uma bela formulação. Vejo muito bem o que queria dizer Merleau-Ponty. A neurose é uma espécie de reconstrução feita pelo sujeito, pelo doente, da totalidade de sua experiência em torno de um motivo, de um tema central. Pode-se dizer que há uma analogia nesse ponto, que deve ser procurada na globalidade da interpretação.

**Folha** - Como foi seu contato com Lacan? O pensamento dele teve, como o de Freud, alguma influência no seu trabalho?

**Lévi-Strauss** - Não. Eu me sinto completamente estranho aos desenvolvimentos

atuais da psicanálise. Ao mesmo tempo em que o pensamento de Freud foi para mim algo de extremamente importante —aliás, de maneira extra-psicanalítica, de uma maneira filosófica—, permaneci sempre impermeável ao pensamento de Lacan.

**Folha** - E também à psicanálise como tratamento.

**Lévi-Strauss** - Não sou competente nesse sentido. Nunca fui psicanalisado, nunca tive vontade de ser. Conheci muita gente que foi analisada e não estou convencido de que a psicanálise tenha qualquer valor terapêutico.

**Folha** - O senhor desenvolveu em sua obra a diferença entre natureza e cultura, tornando-a bastante complexa. Hoje, o que diferencia a cultura da natureza? O senhor diz em "Le Regard Éloigné" que a linha de demarcação entre as duas é mais tênue e sinuosa do que imaginávamos. Como encarar essa afirmação sem sucumbir ao mesmo tempo aos perigos de uma sociobiologia?

**Lévi-Strauss** - Nunca considerei que a oposição entre natureza e cultura fosse minha idéia. Pareceu-me tratar-se de uma categoria do pensamento dos povos estudados pelos etnólogos. Sempre e em toda parte nós encontramos essa oposição, que pode aliás tomar formas extraordinariamente diferentes. Pode ser uma oposição entre a aldeia habitada e o mato onde vivem os animais selvagens. Pode haver uma associação n / natureza, homem/cultura, ou vice-versa. De qualquer jeito, essa oposição é essencial e, se quisermos compreender os fatos etnográficos, é preciso levá-la em conta. Esse é o primeiro aspecto do problema. O outro diz respeito à relação que se estabelece, hoje, efetivamente, numa

## As pessoas não leram direito "Raça e História". Guardaram as coisas que agradavam e suprimiram outras

perspectiva científica entre natureza e cultura. Ai a coisa se torna de fato bem mais complicada. Basta ver as discussões atuais sobre as partes respectivas do inato e do adquirido. Não é nada simples. Elas mostram que entram na composição individual elementos que não são propriamente inatos, outros que são certamente adquiridos, quais, em que proporção, e a biologia não nos esclarece nada sobre isso. Quanto à sociobiologia, escrevi um capítulo em "Le Regard Éloigné" para mostrar, porque sou totalmente hostil a ela. Pois me parece que ela não leva em conta a existência do homem da linguagem articulada, que faz da sociedade humana algo de radicalmente fundamental, diferente de qualquer outra sociedade animal. Buscar a explicação de um tal costume junto aos bandos de cervídeos, aos peixes ou aos macacos antropóides, me parece um mau romance.

**Folha** - Pierre Clastres disse que o senhor inaugura um diálogo entre o Ocidente e os povos selvagens...

**Lévi-Strauss** - Isso é absurdo. Esse diálogo começou no século 16 e não ficou me esperando. Mesmo antes, com Heródoto, já existia esse diálogo.

**Folha** - De qualquer jeito, que vias o senhor considera existem hoje para continuar e ampliar esse diálogo?

**Lévi-Strauss** - De saída, não gosto muito do termo "diálogo". Para um etnólogo, os povos mais diferentes e mesmo as diferenças dentro de sua própria sociedade —não estou criando uma divisão racista— são objetos de estudo, coisas que estudamos em nossos laboratórios, que são regiões distantes do mundo ou um

pequeno vilarejo no centro da França. O diálogo —porque naturalmente ele existe— é um momento do estudo, não seu objetivo.

**Folha** - Como o senhor vê a situação atual dos estudos etnológicos. Qual o futuro da etnologia?

**Lévi-Strauss** - As pessoas me perguntam isso todos os dias. Eu colocaria várias coisas. Como as culturas ditas primitivas estão desaparecendo e a etnologia estuda as culturas ditas primitivas, as pessoas acham que é o fim da etnologia. Se olharmos a história, perceberemos que a primeira sociedade constituída ainda no século 18 para o estudo do homem dizia exatamente a mesma coisa, que se tratava do fim, que com a navegação a vela tudo ia se homogeneizar... Se você pegar a lição inaugural de Frazer na Universidade de Liverpool, no ano do meu nascimento, 1908, no primeiro curso intitulado de Antropologia Social em todo o mundo, verá que ele dizia o mesmo, que era o fim, que era preciso se apressar. Agora, quando se diz isso, é bem mais verdadeiro. Mas ainda existem pelo mundo



Lévi-Strauss navega de piroga pelo Sena, da torre Eiffel ao Hôtel de Ville.

dezenas, centenas de sociedades que foram mal estudadas, muito rapidamente, e ainda há muito a aprender. Logo, não estou preocupado com o trabalho do tempo. Mas levemos as coisas ao limite. Suponhamos que todas essas culturas desapareceram e só resta no mundo a civilização industrial. Grécia e Roma também desapareceram há dois mil anos e ainda existem helenistas e latinistas. A quantidade de arquivos de que dispõe hoje a etnologia é algo absolutamente fabuloso. Tanto quanto temos sobre a Grécia e Roma, e não apenas livros, mas manuscritos. Na Library of Congress, no Smithsonian Institute, na American Philosophical Society e imagino que no Brasil vocês também tenham uma enorme quantidade de material nas bibliotecas, que não foi estudada de forma plena. Quando não houver mais etnologia "de campo", como dizemos, haverá uma etnologia que se parecerá com a filologia clássica e será uma filologia não-clássica, mas que ainda tentará compreender um certo número de fatos humanos.

**Folha** - O senhor foi acusado recentemente num livro de Alain Finkelkraut de ser um dos principais responsáveis pela disseminação do relativismo cultural, o que teria impossibilitado qualquer forma de hierarquia cultural no mundo de hoje. O que acha disso?

**Lévi-Strauss** - Não li o livro, mas é claro que eu me vanglorio. (risos)

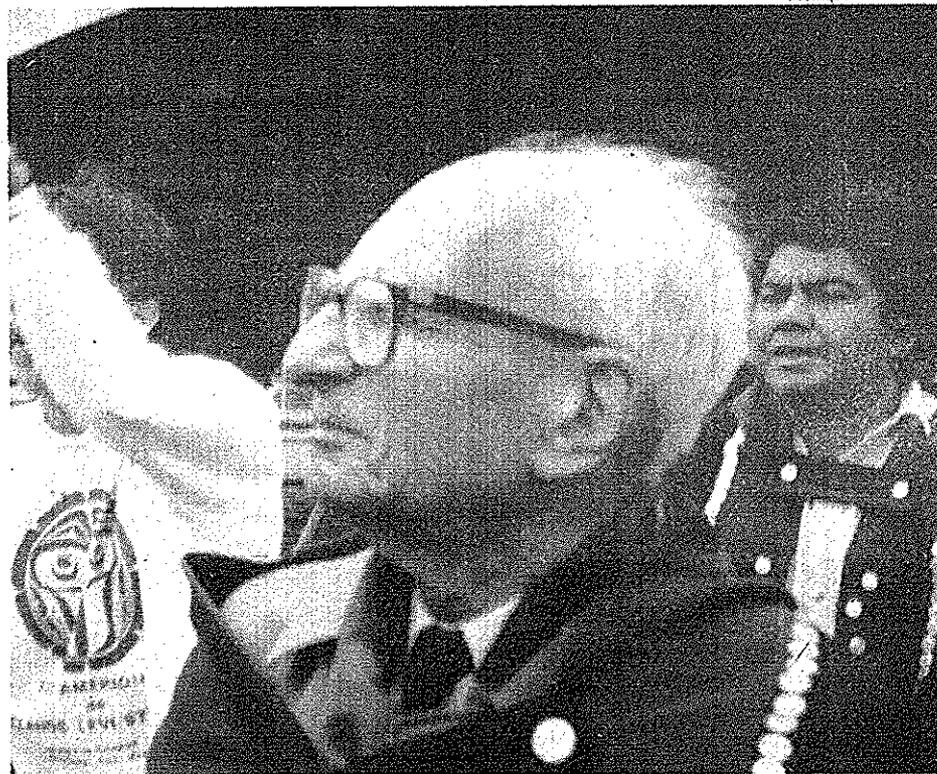
**Folha** - Em relação ao racismo, houve uma mudança entre sua posição no texto "Raça e História" e a de "Raça e Cultura"...

**Lévi-Strauss** - Não.

**Folha** - Mas houve um certo escândalo em relação à afirmação de que a negação do exterior e do diferente funciona como um mecanismo de sobrevivência inerente a toda sociedade.

**Lévi-Strauss** - Houve escândalo, mas não uma mudança de posição. As pessoas não leram direito "Raça e História". Guardaram um certo número de coisas que agradava e suprimiram outras. Por exemplo, a idéia de que quanto mais as culturas se comunicam, mais elas tendem a se uniformizar, menos elas têm a comunicar. Portanto, o problema para a humanidade é que haja comunicação suficiente entre as culturas, mas não excessiva. As pessoas guardaram que eu tinha dito ser preciso haver comunicação, mas deixaram de lado a idéia de que

Monique Lévi-Strauss



com os índios Haïda, provenientes dos arredores de Vancouver (Canadá)

essa comunicação não pode ser excessiva. Vinte anos depois, me pedem para falar novamente sobre o mesmo tema, porque esperavam que eu fosse repetir o que tinha dito. Na realidade, eu não quis me repetir, mas tentei esclarecer e destacar aspectos que as pessoas tinham preferido esquecer ou não ler. Foi isso que chocou. Mas a melhor prova de que nada mudou é que houve um crítico —acho que do "L'Humanité", mas não tenho certeza— de um jornal de esquerda ou de extrema esquerda, enfim, que disse se tratar de uma completa palinódia, que eu tinha dito exatamente o contrário e aí então ele citou quase uma página inteira e acontece que essa página já se encontrava em "Raça e História".

**Folha** - O senhor falou recentemente, ainda em relação a essa comunicação que acaba destruindo as culturas, que hoje o mundo islâmico ameaça a Europa, a cultura ocidental, e que já que é assim o senhor toma o partido da Europa contra o Islã...

**Lévi-Strauss** - Não particularmente contra o Islã. Uma mudança de perspectiva bastante curiosa se produziu, independentemente de mim, mas eu a senti de maneira muito profunda. Quando eu estava no Brasil, há mais de 50 anos, fiquei profundamente emocionado, é claro, com o destino daquelas pequenas culturas

que estavam ameaçadas de extinção. Era o partido delas que era preciso tomar. Cinquenta anos depois, faço uma constatação que me surpreende: também a minha própria cultura está ameaçada. Há meio século, eu a via em posição de dominação absoluta. Hoje, ela está ameaçada por muitas coisas: pela insuficiência demográfica, o fato que não se fazem mais crianças suficientes na Europa para renová-la; pelo integrismo islâmico, é claro, mas também por toda forma de integrismo. Ela estava ameaçada —porque hoje não se sabe mais como as coisas vão se desenrolar— pela máquina soviética, por tudo o que se passava do outro lado da cortina de ferro. Se tudo isso está desaparecendo, melhor. Mas há também a ameaça que representa, incontestavelmente, a proliferação demográfica dos povos subdesenvolvidos, que voltam seus olhos para os países da Europa, onde encontram condições de vida mais aceitáveis. O Islam é um aspecto, mas está longe de ser o único. Tentei ser consequente comigo mesmo e, se tive durante toda a minha vida o sentimento de que era a originalidade das culturas o essencial para a humanidade, então a originalidade da minha própria cultura é também um bem essencial que é preciso considerar.

**Folha** - Por falar em povos subdesenvolvidos, o senhor voltou ao Brasil em 85 na comitiva de François Mitterrand. O senhor passou por São Paulo. A sua visita confirmou a citação de "Tristes Trópicos" de que as cidades da América passam da barbárie à decadência sem conhecerem a civilização?

**Lévi-Strauss** - Essa era uma pequena provocação. Não posso dizer. Passei cinco

### **A arte se tornou algo completamente pervertido. A cultura em nossa sociedade não é nada além de uma obrigação**

dias no Brasil, acompanhando toda a sorte de manifestações oficiais. Um dia em cada cidade. Cheguei a São Paulo pela manhã e o pessoal de "O Estado de S. Paulo" me convidou muito gentilmente a rever todos os lugares que eu conheci. Vieram me buscar de carro. Passamos toda a manhã parados em engarrafamentos. Não pude nem mesmo rever a rua onde morei.

**Folha** - Qual era a rua?

**Lévi-Strauss** - Rua Cincinato Braga. Ficamos parados na avenida Paulista. Não havia jeito de andar. À tarde, fui recebido pelo departamento de Antropologia da Universidade e passei o resto do dia no campus. Logo, não vi nada de São Paulo.

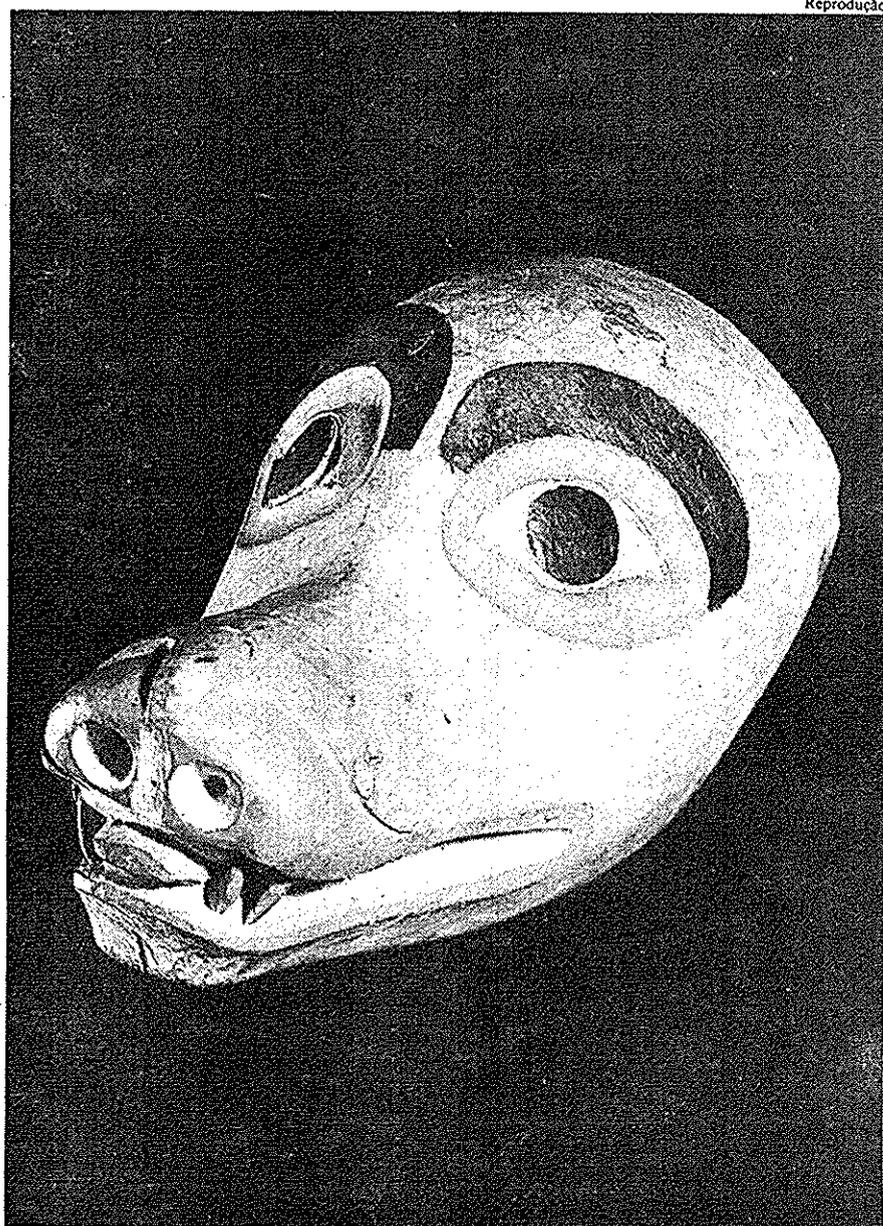
**Folha** - Nessa mesma viagem o senhor tentou voltar à tribo dos bororos, mas acabou não conseguindo.

**Lévi-Strauss** - Isso foi quando estávamos em Brasília. Pegamos um pequeno avião, fomos até Rondonópolis, trocamos de avião, mas, na realidade, o piloto não sabia como chegar até os bororos. Por isso, embarcou uma pessoa do local que parecia saber como encontrá-los e então começamos a procurar, de qualquer jeito, a esmo (risos). E assim é um pouco difícil, sem saber aonde ir. Chegamos a sobrevoar duas aldeias e ficamos rodando sobre ambas sem aterrissar, porque o piloto dizia que poderia descer, mas não partir, já que as pistas eram muito curtas. De qualquer jeito, foi um ótimo passeio de avião por Mato Grosso.

**Folha** - O senhor se lembra de seus alunos no Brasil?

**Lévi-Strauss** - Durante essa viagem, revi meus antigos alunos. Não somente

Reprodução



Máscara de madeira representando um urso (índios Tlingit, Canadá)

Egon Schaden, mas também Anita de Castilho e Marcondes Cabral. Nos últimos anos, cheguei a rever alguns que passavam por Paris, como Gioconda Mussolini e outros.

**Folha** - O senhor também reviu o Rio em 85. Um compositor de música popular, chamado Caetano Veloso, escreveu recentemente uma letra em que menciona a impressão que o senhor teve em 1935 da baía da Guanabara como uma boca banguela. Essa impressão continuou a mesma em 85?

**Lévi-Strauss** - Escrevi isso em "Tristes Trópicos" para descrever meus sentimentos durante a minha primeira passagem pela baía da Guanabara. Mas era uma impressão do exterior. É claro que eu revi o Rio e admirei uma quantidade de coisas. Até mesmo a baía (risos), ao conhecê-la melhor. Mas "Tristes Trópicos" não é um livro científico. Tentei reconstituir honestamente as impressões de um jovem francês chegando ao Novo Mundo.

**Folha** - Para o senhor, qual é a função da arte em nossa sociedade? A arte pode existir nas sociedades indígenas com o mesmo sentido que nós lhe atribuímos?

**Lévi-Strauss** - Não creio. De jeito nenhum. A relação com a arte em nossa sociedade tornou-se algo completamente pervertido. Fico absolutamente horrorizado ao ver essas filas de 300 metros para entrar no Louvre. Visto a quantidade de pessoas que se encontra dentro do museu, isso acaba excluindo realmente toda emoção estética, toda relação pessoal com as obras de arte. Tenho a impressão de que a cultura em nossa sociedade não é nada além de uma espécie de obrigação, entre muitas outras. Faz-se porque deve-se fazer. As condições em

## Uma revolução na antropologia

RUY COELHO

Lévi-Strauss, no consenso geral, é um dos pensadores mais representativos do século 20. O estruturalismo, que ele criou, divulgou-se por vários campos das ciências humanas, em todos os continentes. Tornou-se a grande moda cultural nas décadas de 50 e 60, rivalizando a princípio com o existencialismo, que veio a sobrepujar. Na década seguinte, avolumam-se as críticas a suas bases teóricas, sobretudo da parte de antropólogos de língua inglesa. A influência que exercia foi diminuindo progressivamente; a antropologia atual se tem por pós-estruturalista.

Torna-se difícil avaliar em poucas linhas uma obra volumosa, densa e rica de sentidos, que suscitou polêmicas e despertou paixões: falta-nos o recuo que o tempo traz, que permite juízos mais serenos. Qualquer que seja a posição que se adote, é aceito por todos que Lévi-Strauss é o principal responsável pela revolução que ocorreu na antropologia, que ainda hoje se processa.

Os grandes traços dessa revolução, caracterizados de maneira breve, são os seguintes. Em primeiro lugar, os fatos sócio-culturais, que Durkheim recomendara tratar como coisas, são considerados como estruturas, inaugurando nas ciências sociais um modo de pensar vigente na física. Com pequenas divergências, é um ponto de vista adotado por todas as correntes. Em segundo lugar, a mudança de foco na concepção do espírito humano. A partir de Freud, nos acostumamos a pôr na base dos processos mentais a afetividade. Lévi-Strauss, que não renega a herança freudiana, situa em primeiro plano para os interesses científicos os fenômenos do conhecimento. Por esta forma, reconduz a antropologia ao âmbito das ciências da cognição, que registram notável incremento neste fim de século. Finalmente, conjugando-se estrutura e conhecimento resulta na concepção do sistema sócio-cultural como sistema de informática. A estrutura social se realiza nas trocas de mulheres, assim como a econômica na troca de mercadorias e a linguística na troca de mensagens. Todas se regem por processos análogos. A aproximação das ciências sociais e da informática foi fecunda em vários domínios.

O desfavor em que caiu o estruturalismo se deve sobretudo ao fato de que a estrutura social se impõe como chave da explicação, mas ela própria não se explica. Ora, os problemas atinentes à origem e transformações das estruturas constituem os temas fundamentais da antropologia contemporânea. Uma parte considerável da obra de Lévi-Strauss envelheceu e resistiu mal à crítica. Embora seja temerário fazerem-se predições, acredito que "La Pensée Sauvage" escapa às vicissitudes da moda, é um livro imortal.

RUY COELHO, 68, foi professor e diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; atualmente leciona no Instituto de Estudos Avançados e na Faculdade de Sociologia, da USP.

que se produz o contato com a cultura excluem absolutamente toda cultura verdadeira. O que nós assistimos sob o nome de democracia da cultura é simplesmente uma destruição.

**Folha** - Qual seria o ideal da arte e da cultura que se perdeu?

**Lévi-Strauss** - Não creio que haja um sentido. Houve sentidos muito diferentes a cada época. O sentido da arte na Idade Média, no tempo em que se construíam catedrais, que eram ao mesmo tempo uma obra coletiva e para a coletividade, não é evidentemente o mesmo que durante o período da arte pela arte, no século 19. Todas essas são funções consoantes e diferentes. Mas das quais não encontro mais nenhum traço. Admito que a arte possa ser isto ou aquilo, mas hoje ela não é mais nada.

**Folha** - O senhor definitivamente não aprecia a arte moderna, nem o formalismo nem o abstracionismo. Mas, no entanto, fez o elogio dos motivos abstratos das pinturas dos índios Caduveo. Não haveria nenhum ponto de contato entre a arte

Reprodução



Máscara "xwóxwó" (índios kwakwakiutl, Canadá) na exposição em Paris

caduveo e a arte moderna?

**Lévi-Strauss** - De jeito nenhum. A arte caduveo tem um sentido e uma função. As pinturas do rosto não podem ser dissociadas do próprio rosto. Não são obras de cavalete. Não têm nada de gratuito. É uma arte feita com um certo objetivo, com uma certa função dentro da sociedade, de aumentar a atração erótica da mulher ou seu lugar na hierarquia social. É uma arte que significa.

**Folha** - E a abstração, não?

**Lévi-Strauss** - Para mim, muito pouco.

**Folha** - O senhor conviveu com os surrealistas nos Estados Unidos, em Nova York, durante a guerra. Também disse que Max Ernst trabalhava suas obras da mesma forma que o estruturalismo trabalha os mitos. O que o aproximava intelectualmente dos surrealistas?

**Lévi-Strauss** - Gostava muito de Max Ernst e ainda o admiro muito. Isso que você acaba de citar vem de um artigo de circunstância, feito para um livro sobre Max Ernst, e portanto tentei imaginar um ponto de contato mais do que eu efetivamente o reconheço. Em todo caso, a colagem, tal como Max Ernst a praticou, me serviu muito intelectualmente, pois aprendi justamente com elas que podemos fazer brotar significações não de uma reflexão analítica, mas justapondo blocos de realidade, sem deixar que permaneçam estranhos uns aos outros. Não digo que isso me ensinou, mas me encorajou a ousar. Apenas com minha educação universitária e filosófica talvez não tivesse ousado. Com isso, me permiti algumas audácias. Talvez seja "La Pensée Sauvage" (O Pensamento Selvagem)

## Inovações, em francês, na USP

EGON SCHADEN

Lévi-Strauss chegou a São Paulo em 1935, como integrante da Missão Francesa, que deu grande impulso ao ensino universitário brasileiro. Foi seu aluno durante três anos, de 1935 a 1937. Embora nominalmente ensinasse sociologia, seus cursos eram na verdade de antropologia. Isso se devia ao fato de que o professor Plínio Ayrosa era, então, titular de Etnografia, e Lévi-Strauss não queria despertar ciúmes. Apesar de seu grande interesse pelos índios brasileiros, nunca chegou a dar curso sobre esse assunto na Universidade de São Paulo.

Os cursos que fiz com Lévi-Strauss eram baseados em temas específicos, um por semestre, e tomavam como referência um ou mais livros que eram lidos e discutidos pelos alunos. As aulas eram ministradas em francês, embora os alunos pudessem fazer suas perguntas em português. Ele introduziu um método na época totalmente novo nos cursos de ciências humanas: exigia dos alunos exposições sobre temas ligados ao curso. Lembro-me de um curso sobre o funcionalismo de Malinowski (na época suas teorias eram bastante avançadas) e de outro sobre totemismo.

Lévi-Strauss costumava levar seus alunos em excursões pelo campo, para demonstrar métodos de pesquisa. Isso também era uma inovação na USP. Depois de uma viagem de pesquisa pelo norte do Paraná, deu um semestre de aulas sobre o projeto urbanístico original, inglês, de Londrina, em confronto com a formação da cidade. Foi possivelmente o primeiro curso de antropologia urbana do Brasil.

O professor Lévi-Strauss era bastante formal no trato com os alunos, embora fosse também extremamente cordial. Costumava reunir os alunos em casa para tomar chá, mas sempre mantinha uma certa distância. Fui também seu aluno particular —eu lhe dava aulas de português e ele em troca me ensinava francês. Eu costumava me basear em artigos de jornal e coisas assim para as aulas, enquanto ele me ensinava francês baseado no "Contrato Social", de Rousseau.

Juntamente com outros professores da Missão Francesa e de outros países, Lévi-Strauss contribuiu para a formação de professores que futuramente moldariam a Universidade de São Paulo, implantando um conceito novo de ensino superior. Vários livros seus tiveram origem em cursos por ele ministrados na USP —como sua tese de doutoramento "As Estruturas Elementares do Parentesco": ele deu um curso em São Paulo sobre o assunto e, pelo teor das aulas e exercícios, é possível perceber que dali retirou muitos elementos para a tese. Acredito que o estruturalismo teve sua origem na experiência de Claude Lévi-Strauss na USP.

EGON SCHADEN, 76, é professor aposentado de antropologia da USP. Foi um dos responsáveis pela criação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas desta universidade e lecionou antropologia na ECA.

meu livro mais influenciado. Justaposto, por exemplo, um retrato de Clouet, um pintor francês do século 16, com objetos ditos primitivos, e pude designar relações e diferenças que certamente não teria ousado fazer se não tivesse conhecido os surrealistas.

**Folha** - O senhor criticou num artigo a maneira como se montou a exposição permanente do museu d'Orsay. Por trás dessa montagem havia uma "ideologia" que se convencionou chamar de pós-moderna. Como o senhor vê o que se chama hoje de pós-modernismo?

**Lévi-Strauss** - O que eu lamento no museu d'Orsay é que, com um prédio de tal importância estética e funcional, não tenham resolvido apresentar os quadros como teriam feito à época de sua construção, à época em que era uma estação de trens. Fala-se muito em pós-modernismo, pós-estruturalismo. Realmente não sei o que isso quer dizer (risos).